

Estamos melhor?

MÁRIO BERNARDINI

Ser profeta do dia seguinte é bem mais fácil do que ser oráculo. Tem que ter cuidado portanto em não se empolgar demasiadamente com as críticas aos erros passados. Ainda mais que em 96 não há muito de positivo a ser louvado. Os méritos deste ano praticamente se resumem ao fato de termos mantido a inflação baixa. Fato importante, importantíssimo se quisermos, mas que, além de não ser novidade, já que é herança de 95, não é suficiente para resolver nossos problemas. Para avaliar 96 devemos nos fazer algumas perguntas: em dezembro de 96 os brasileiros estiveram melhor do que em dezembro de 95? E o setor produtivo e os trabalhadores? Ou ainda, será que o país é hoje mais moderno em suas instituições ou mais eficiente e competitivo? São as respostas a estas perguntas que vão definir 96 e não a glorificação da manutenção da estabilidade da moeda.

Nada indica que os brasileiros têm hoje mais saúde, melhor educação, mais segurança ou mais dinheiro para gastar do que um ano atrás. Nestes itens que definem nossa qualidade de vida recuos foram mais prováveis do que avanços. Para as empresas e para os trabalhadores pouco há a comemorar. As primeiras, principalmente as pequenas e médias, apertadas entre uma concorrência desigual com nossos concorrentes externos e uma política tributária e monetária que pune quem produz, em sua maioria viram sumir sua rentabilidade e foram obrigadas a posturas defensivas, encolhendo, atrasando impostos, e reduzindo o valor

agregado na cadeia produtiva com substituição da produção nacional por importada, ampliando o risco de desaparecimento de parte do nosso tecido industrial. Quanto aos trabalhadores, o contínuo aumento de desemprego na indústria não foi compensado em 96 pelos serviços, o que tem se refletido nos salários, que além de não acompanharem a inflação do período, não estão obtendo aumentos reais.

Com relação ao país e a nossas instituições fica difícil citar avanços. A continuação das privatizações nem de longe compensa termos adiado as reforma política, da Previdência, administrativa e tributária. Neste último caso não só

não avançamos como conseguimos piorar as coisas ao ressuscitar o imposto do cheque. O custo Brasil foi atacado apenas cosmeticamente e nossa competitividade não tem melhorado. Os resultados de nossas exportações apenas confirmam os fatos. As importações de máquinas e equipamentos e os investimentos externos, cantados em prosa e verso, não conseguem esconder o fato que o consumo brasileiro de bens de capital (importações mais produção nacional menos exportação) é em 96

inferior a 95 e os investimentos externos quando não estão restritos à área de serviços ou a setores protegidos contra a abertura destinam-se majoritariamente à compra de empresas brasileiras, ou seja, à compra de fatias de nosso mercado. Temos todas as razões portanto para na noite de hoje dizer "adeus ano velho e feliz ano novo". Feliz 97 para todos.

Para empresas
e para
trabalhadores
pouco há a
comemorar

MÁRIO BERNARDINI é empresário e vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.